

**Entrevistado:** Paulo Ernani Gadelha

**Entrevistadora:** Érica de Castro Loureiro

**Data da Entrevista:** 22 janeiro de 2016

**Local:** sala da presidência da Fiocruz, 4º andar do Castelo

**Horário de Início:** 11h20 **Horário de término:** 12h45

### **Transcrição da Entrevista:**

**Érica de Castro Loureiro:** [Não foi feita gravação de abertura. Entrevista gravada em 22 de janeiro de 2016, realizada na sala do presidente, localizada no Castelo da Fiocruz, 4º andar. Gadelha inicia dando seu depoimento sobre a conjunção de fatores que levou à criação da COC]

**Paulo Ernani Gadelha:** (...) eu diria, extraordinário, que é uma instituição científica com as características da Fiocruz, que tem uma diversidade pra outras áreas, mas você ter a criação, como uma unidade técnico-científica, portanto, um dos eixos da atuação da Fiocruz, uma unidade voltada para o campo da pesquisa histórica, da sociologia da ciência, da memória e da questão patrimonial. Esse é um fato muito significativo. Tanto sobre o momento da instituição, como também dos fatores que levaram a... e depois o papel que essa Unidade desempenhou e desempenha na visão e na construção tanto mais geral das visões institucionais da Fiocruz, como também dos seus projetos estratégicos, e eu diria também no campo da sensibilidade, no campo de agregação de referências que não seriam naturalmente presentes numa instituição de Ciência e Tecnologia. Um primeiro fator que tem que ser pensado é que a abordagem histórica ela é algo que estava muito presente, eu diria de uma maneira muitas vezes não profissionalizada, né, não importa, mas ela estava presente nos atores e no movimento, com influência marxista forte, no processo de luta democrática, e depois de construção do que seria então a nossa reforma sanitária, com o que... colocado como uma categoria importante de análise, no sentido do marco histórico estrutural do pensamento e desses atores que estavam lá a frente de todo esse processo. E isso estava se refletindo nas abordagens que estavam presentes nos institutos que tiveram uma participação importante na conformação desse conhecimento no Brasil. Especialmente na área da pós-graduação com a própria Fiocruz, no caso da Ensp, e no Instituto de Medicina Social, da UERJ, e outros institutos, de Medicina Preventiva, e vai por aí. Então essa preocupação em buscar processos de gênese, entender as relações histórico-estruturais que foram determinando e condicionando esse processo, ela estava com uma sensibilidade presente nesse campo. Ao mesmo tempo, do ponto de vista do momento do Brasil, você estava tendo uma revisão e uma... eu diria, uma revitalização da questão das discussões sobre o campo da memória. Tanto no seu sentido que era mais tradicional, do patrimônio, toda a tradição colocada aí no Iphan, na tradição brasileira, que foi muito rica desde lá o período formador da década de 30. Mas houve um momento que tratar a questão da memória e a ampliação da memória também para outros campos, seja temáticos, como também de entender esse processo como também construção social, entender esse processo também da relação com a questão patrimonial pra pensar também bens intangíveis. Você estava num processo muito... que foi expresso, aí fora do âmbito do movimento da saúde, por exemplo, que aí minha inserção se deu nessa trajetória... Eu tinha feito o mestrado, estava no processo do mestrado, na Medicina Social, tinha escolhido como tema de mestrado uma área de história da assistência médica do Rio de

Janeiro. Então eu estava voltado pra esse campo porque sempre tive um interesse, desde o processo meu de formação, com o campo das ciências sociais, especialmente uma curiosidade sobre o campo da história, que aplicava isso desde o início da faculdade de medicina, quando a gente... mas isso não importa. Só tinha um movimento meu, quando eu me... eu tive o processo de mestrado no Instituto de Medicina Social, eu escolhi esse tema e coincidiu também que um grupo capitaneado pelo Gilson, ele vinha organizando um trabalho, à época associado ao Centro Memória Social brasileira, que era sob a liderança do Hélio Silva... e era um historiador, vamos dizer assim, clássico, teve um papel importante nos primeiros trabalhos dele, quando ele fez uma série de revisões sobre processos da história brasileira, buscando maior fundamentação em dados primários, revisão, por exemplo, sobre o processo da Intentona Comunista... Então, o Hélio Silva tinha, à época, já era uma pessoa, eu diria, numa fase mais decadente. Mas ele tinha, abrigado pelo Cândido Mendes, tinha o Centro de Memória Social Brasileira, você veja aí a importância, Memória Social, já tem toda uma conotação de diversificação, e o Gilson capitaneou, então, um projeto que era um projeto pra criar memória de uma série de processos associados, por exemplo, à questão do trabalho, à questão do movimento sindical, o processo de... também construção da cidade, mais associado também. E a área da saúde. Então quando... como eles estavam com um campo de desenvolver uma memória social ligada também ao campo da saúde, eles solicitaram ao Hésio Cordeiro, e também... e ao Hésio Cordeiro uma indicação de alguém que pudesse assumir a coordenação dessa área dentro do projeto. E o Hésio Cordeiro, tem uma história longa aí que eu não vou ficar me atendo, o Hésio Cordeiro me indicou. E pra mim foi muito importante, porque naquela época eu estava sem nenhuma ocupação de emprego porque havia um bloqueio muito grande de natureza política, pela minha participação no movimento de residentes, o movimento médico e vai por aí. Tanto da área da ditadura, quanto também da área do partido comunista, que dominava o campo da saúde naquele período e me via como uma liderança emergente, independente, que estaria colocando em cheque, em risco, a condução e a hegemonia que o Partidão tinha naquela época. Bom, então eu vou para o Centro de Memória Social Brasileira, a gente desenvolve esse projeto e vai evoluindo pra duas iniciativas. Uma foi a criação de um Instituto. Nós criamos um Instituto de História Social Brasileira, também na Cândido Mendes, já rompendo, separando esse formato, que era um formato muito arcaico, do Hélio Silva, e buscando uma dinâmica muito mais forte. Aí já incorporando toda uma visão tanto da concepção de memória, como também dos campos da sociologia da história, já mais profissionalizada e com a visão da história social muito mais importante(X? 9'45). Um dos projetos que a gente foi organizando, já também pensando a questão de arquivos e do campo da memória, foi fazer um inventário dos arquivos relacionados a esse mundo do processo social, e com esse recorte que eu te falei, mais voltado pras instituições não públicas, fora da instituição do Estado, mais ligado à sociedade civil. A gente começou a organizar um projeto, que a gente chamou de PRODOCUMENTO, que já começou a ter uma associação forte também, incentivo e laços, com o IPHAN. E aí nós começamos a fazer todo um inventário dos arquivos sindicais, dos arquivos dos movimentos sociais, dos arquivos de hospitais e serviços de saúde... e com a ideia de agregar, dentro do PROMEMÓRIA, e dentro do esforço nacional, algo complementar que era a atuação, por exemplo, do Arquivo Nacional dentro da sua meta e mandato de fazer o abrigo legal dos arquivos ligados à área pública. Havia também uma presença forte, muito significativa, do CPDOC, aonde também a gente tinha interações significativas. E também outras iniciativas como era, por exemplo, a do Marco Aurélio Garcia, que hoje tá no governo, com o... lá na Unicamp, trabalhando com o arquivo da Feltrinelli, lá do movimento operário, sindical, de partido. E estava lá com, acho que era depois o Dedeca (?? 12'), que era o centro que eles

criaram lá na Unicamp. Então eu tô te colocando que havia toda uma... e isso também estava associado, obviamente, ao momento político. Na visão de processos de busca de... luta contra a ditadura, pela afirmação da democracia no Brasil... Esses aspectos, eles estavam colocados como poder emergir uma representação, uma memória que vinha da sociedade, dos movimentos sociais, e de uma concepção menos oficialista, digamos assim. Ou pelo menos como complementar, enfim. Bom, entre outros produtos que a gente fez, a gente fez uma época um *thesaurus* para linguagem controlada, tinha várias coisas que estavam... a gente fez um projeto, a gente brincava que era o... uma espécie de um "canudão". Porque ele se mostrava, quer dizer, o organograma dele, a sua concepção, era traduzida, naquela época você não tinha o recurso nenhum, era uma grande folha, né, que mostrava todas as implicações de um projeto ligado à memória da saúde que incorporava todas dimensões: questão de arquivo, da questão da história oral, da questão da pesquisa, e toda uma metodologia que era representada nesse organograma. E você enrolava esse papel manteiga, sei lá qual era o papel, e colocava num canudo pra preservar. Então a gente brincava, era um canudão... O que que aconteceu aí nos ganchos que começam a se fazer com a Fiocruz: nessa época, na Escola, na ENSP, na Escola Nacional de Saúde Pública, você tinha um núcleo que vinha buscando recuperar os registros da história dos personagens da saúde pública. Esse grupo, estavam várias pessoas envolvidas, uma delas, chave, que era o Arlindo, o Luiz Fernando também estava presente, a Lisabel... tinham outras pessoas que depois também participaram da Casa, como tanto a Lisabel como a Tânia... E o Arouca também era alguém que acompanhava isso, enfim. E eles tinham feito várias entrevistas com personagens dentro de uma... tanto recursos bastante improvisados, como também numa metodologia ainda pouco estruturada, pouco profissionalizada. Era a ideia de registrar, conversar, registrar esses processos... Bom, quando a Lisabel e acho que a Ana Dacri (??)15'20, se não me engano, elas souberam da existência desse grupo, no Centro de Memória Social Brasileira, depois no IHSOB, né, elas nos procuraram. Buscando uma cooperação, associação, e a gente apresentou, àquela época, a ideia de fazer um projeto da memória e fizemos então o tal canudão. Esse projeto, à época, o presidente da Fiocruz era o Guilardo Martins, já nesse no final do processo da ditadura. E o Hernani Braga... Eu não sei se você quer essas coisas muito factuais... O Hernani Braga, que era um personagem muito importante na trajetória da saúde pública, da Escola Nacional de Saúde Pública, o Hernani Braga era o vice-presidente da Fiocruz pra área de Ensino, e era o diretor da Escola Nacional de Saúde Pública. A gente fazia uma associação, porque naquela época o diretor do IOC era vice de pesquisa, e o da Ensp pegava essa área de... Então... Aí não sei se ele era o diretor da Escola, mas enfim, ele era o vice-presidente... não sei se o diretor era o Arlindo, eu tô confundindo agora... Mas o fato é que nós fomos apresentar esse projeto ao Arlindo, Arouca, Luiz Fernando. E eles gostaram muito. Perceberam ali uma estrutura para dar um salto de qualidade no que eles estavam fazendo e marcaram uma vinda aqui para apresentação do projeto ao Guilardo. Então eu vim, nessa sala aqui, era um ritual enorme, você tinha que ser anunciado lá, mesmo... imagina, mesmo Arouca, o Arlindo e o próprio Hernani Braga, tinha todo um ritual até chegar aqui. E o Guilardo recebeu, leu o projeto, achou interessante, "bababa bababa" e ficou um pouco aquela ideia que poderia ser desenvolvido apoiando recurso para estar associado com a Ensp. Bom, ficou um período... interregno aí, mas veio depois o processo de luta democrática, né. Eu estava envolvido nisso pelo movimento sindical, né, movimento residente, movimento sindical, portanto os vínculos, também, com o que estava acontecendo aqui, lá na Fiocruz, no movimento... o que estava estabelecendo... tanto pela parte técnica, acadêmica, como pela parte da política. Da identidade dos movimentos, embora eu tivesse uma trajetória que era uma trajetória independente, tinha participado da formação do PT, mas aquela época também o próprio campo do "partidão" já estava mais com

as suas dissidências, estava com processo mais de abertura para incorporação de pessoas que estavam fora do... E também houve uma coincidência, porque eu defendi minha tese de mestrado e o Arlindo fazia parte da banca, e o Arouca era suplente da banca. E a Madel Luz era a... orientadora, o Hésio era diretor do Instituto de Medicina Social... Então tinha uma configuração ali, e quando eu apresentei minha tese o pessoal gostou muito da tese e o Arouca acompanhou a tese, e o Arlindo também, da banca, e o Arouca ali na suplência. Então aquilo ali acho que também ajudou a configurar na cabeça deles essa ideia que eles teriam um personagem, um... que ao mesmo tempo tinha um projeto que dava capacidade de formatação e ao mesmo tempo compreendia bem a trajetória do campo da saúde, tanto na ação política, quanto na produção acadêmica. E num campo da história que... onde tinha tido teses também muito significativas no campo da história, como da Isabel Picaluga, tinham várias pessoas que foram muito importantes para trazer referências históricas e problematização por esse viés. Bom, quando você consegue instituir o fim da ditadura, o governo Sarney... E o Arouca é escolhido para ser presidente da Fiocruz, e o Hésio presidente do Inamps, essa é uma configuração extremamente favorável ao que vai ser o processo depois de constituição da Reforma Sanitária na Constituinte. Porque você acabou tendo, e era até um avanço acima, eu diria, da expectativa. Houve toda uma negociação, não importa como a gente fez o processo, mas você tinha dois personagens centrais dessa trajetória da esquerda, da academia, da mobilização de movimentos, que assumiram as duas instituições mais importantes do campo da saúde. Quer dizer, a Fiocruz, que vinha num processo de recuperação aí, já do período Geisel, e era um ícone desse processo da saúde pública e da ciência e tecnologia, e o Inamps que era o instituto de maior peso no campo da assistência médica, e orçamentária, “papapa papapa”. [pausa a pedido do entrevistado 22’15] Bom, então você tem esses dois personagens em questões chaves. Bom, o Arouca inaugura o que a gente chamou, assim, toda a história contemporânea da Fiocruz, em seu modelo mais... é bem desse período da gestão do Arouca. E isso diz respeito tanto a questões mais gerais da Fiocruz, governança, forma de... mas também da ampliação de campos de atuação da Fiocruz que não eram tradicionais. Isso vai... Bom, num certo momento... há uma brincadeira até sobre isso, porque Arouca, Arlindo, Luiz Fernando e Morel, que eram os vices, desse período aí, eles se reúnem lá num bar e, na brincadeira de bagaceira, das caipirinhas... [pausa a pedido do entrevistado 23’27] Então estavam num bar, e tem até ainda isso em algum lugar que eles colocaram num guardanapo, o que seria a ata, que era a ideia, então, de me convidar para desenvolver aqui na Fiocruz um trabalho ligado à questão da história. E o Arouca encontrou comigo, né, lá num parquinho, onde estava... aí são questões meio anormais, um parquinho que ele estava lá com as crianças, e eu estava lá com os meus filhos, e aí nos encontramos: “ô, bababa bababa, você não quer ir trabalhar na Fiocruz, não?” Aquilo pra mim foi assim uma... ahhhh [som de comemoração] quer dizer, porque eu estava num processo muito distante da área da saúde, embora lidando com o tema da saúde, o meu emprego estava ainda... Eu tinha sido... A equipe inteira tinha sido convidada para ser contratada pelo Iphan. Então eu tinha uma proposta de contrato pelo Iphan, na época eu não tinha emprego nenhum, eu vivia de bolsa. Mas isso significaria ficar olhando a saúde à distância. E aí a possibilidade de vir para a Fiocruz era... era tudo o que eu queria. Era você agregar o trabalho de história, que eu estava me dedicando, com a... numa instituição que era instituição referência da própria história e do momento da luta pela questão democrática no país, na área da saúde, e ao mesmo tempo uma instituição que tinha todo o legado da história do campo da ciência e tecnologia da saúde no Brasil. Então, assim, pra mim isso é óbvio. E então Arouca me convidou e eu comecei, então, a estruturar o que veio a ser a Casa de Oswaldo Cruz. Porque não existia a ideia do que seria. Era uma ideia... lembrava-se o projeto do “canudão”, lembrava-se da tese,

lembrava-se que a ideia era ampliar o trabalho que vinha da Ensp, né. Mas assim, o que que vai ser. Aí eu comecei a conformar com ajuda de algumas pessoas que vieram da Ensp, aí no caso Lisabel... Já no início, também, como nós tínhamos a meta da reintegração dos caçados, nós configuramos um projeto, por sugestão do próprio Arouca e Arlindo, que foi um projeto para história dos Caçados. E aí a Wanda Weltman foi contratada para tocar esse projeto, e eu comecei a desenhar a visão de Casa que eu tinha. A começar pelo nome Casa. Foi um processo muito discutido, né. Ah... primeiro não havia a ideia se seria uma unidade. No norte poderia ou não, mas a ideia de... Segundo, a denominação era uma denominação que implicava várias... é instituto de memória, instituto de pesquisa histórica, instituto, enfim... E eu propus o nome Casa de Oswaldo Cruz. Criou uma certa estranheza num primeiro momento, eu tinha as referências da Casa de Rui Barbosa, mas, assim, para mim o nome Casa, primeiro tinha uma abrangência maior, embora não tinha o sentido que a Casa de Rui Barbosa tinha, porque aqui não foi moradia do Oswaldo, mas eu entendia com uma ideia de *oikos*, de lugar aonde se produziu a reunião da história de vida dos personagens com a história de trabalho e de projeto institucional e de país que foi gerado nessa Casa. E eu achava que o termo Casa permitia você incorporar várias dimensões que foram sendo projeto da Casa de Oswaldo Cruz. No campo da memória geral, no campo do patrimônio material e imaterial, no campo da pesquisa. E eles acabaram se convencendo e adotaram o nome de Casa. E também, nesse primeiro momento, por isso que eu lembrei muito do Hésio Cordeiro também, eu precisava muito rapidamente estruturar uma base de sustentação de projetos e financiamento. E recorri também à ajuda do próprio pessoal do IHSOB, né, que me ajudou a montar o projeto, inclusive com base física e de estrutura de montagem de projetos, e naquela época o Arouca estava negociando com a Finep o que eles chamavam de "Finepão". E havia vários projetos pensados, num primeiro momento Arouca falou "ah, não, por enquanto você não apresenta, não, que tá muito em cima a negociação". Mas eu percebi que se não apresentasse ali eu ia perder a chance, então corri. O pessoal lá que era o PROMEMORIA, na época, IHSOB, PROMEMORIA, me ajudou a conformar os projetos e nós apresentamos o projeto pra Finep e ganhamos o projeto. E ao mesmo tempo eu me mobilizei com o Hésio Cordeiro propondo ao Hésio que a gente fizesse um projeto de história e memória ligado ao campo da assistência médica previdenciária e fizesse também um projeto que era inédito um pouco naquela época, mas que já se discutia também, esses vários recortes da história, abordagens da história, que era também fazer uma história contemporânea, uma história em curso. Quer dizer, era você acompanhar a gestão do Hésio registrando, entrevistando, acompanhando para gerar um acervo e uma análise crítica depois dessa gestão que era fundadora de muitas questões ligadas à redefinição do que veio a ser o SUS depois. Então com esses dois financiamentos nós conseguimos definir primeiro projetos norteadores, e financiamento. E esse financiamento, para além das pessoas que optaram por sair da Ensp e vir se integrar conosco... eu já citei algumas pessoas, como o caso da Lisabel e da Tânia, eu consegui começar a contratar gente de fora. E aí havia também a minha preocupação, porque eu achava que era necessário sair de uma certa endogenia do campo da saúde, do ponto de vista da formação profissional. Quer dizer, havia obviamente pessoas que tinham se formado em outras áreas, sociologia, e... Mas às vezes eu via muito, assim, o processo de produção feito pelos próprios atores da saúde pública, que tinham uma vantagem de conhecerem esse processo, de sensibilidade de identificar problemas, mas não tinham a formação de base das áreas mais de excelência... E aí eu fui procurar, primeiro, algumas pessoas como foi o caso do Marcos Chor, né, que já trabalhavam conosco lá na PROMEMORIA. O Marcos Chor era estagiário naquela época conosco. E aí quando eu pude contratar eu fui procurar pessoas ligadas especialmente ao que era o... Luperj. O próprio Marcos Chor estudava no Luperj, conhecia pessoas do Luperj, também. Eu tinha feito um

crédito lá no Luperj, numa área que estava interessado em ir para a área da antropologia, sabia da excelência do Luperj e do CPDOC, então nós fomos buscar. E conseguimos na época contratar pessoas que vinham dessas áreas. Por exemplo, aí, a Nísia e o Gilberto Hochman, que vieram e eram pessoas de uma competência, de uma excelência muito grande, e já estavam naquele processo de finalização de mestrado, mas já claramente com uma marca muito... E aí nos começamos a construir as equipes. E essa equipe... A interação entre o grupo que detinha o conhecimento no campo da saúde e de participação política com um grupo de excelência que vinha da área externa, acho que criou uma oxigenação muito rica. E, ao mesmo tempo, eu colocava desde o início, o desafio de que as pessoas que estavam vindo desses lugares externos, ao mesmo tempo que elas mantinham a referência de destinação [34'21] e de circuito que estavam dados pela, de uma maneira representativa, pela Anpocs e Anpuh, porque eram circuitos onde se destinava a produção do campo da sociologia e o campo da história, essas pessoas precisavam, e a própria Casa, para poder marcar e se consolidar, precisavam criar os vínculos de pertinência temática, institucional e política com a saúde. Então esse foi o movimento aonde esses temas, e essa abordagem, foram sendo construídas no interior da Casa. A Casa acho que evoluiu de uma maneira muito significativa, com um apoio grande dessa gestão do Arouca, o marco de você decidir evoluir rapidamente para a constituição de uma unidade foi fundamental. Inclusive uma marca de símbolo, né, o fato de a gente ter identificado o prédio do relógio, aqui o Pavilhão da Peste, para ser a sede da Casa de Oswaldo Cruz, ela tava, assim, inserida no núcleo central do marco histórico da Fiocruz. E foi interessante... Então isso também deu um peso. E a inauguração da Casa ela foi uma inauguração que... [pausa a pedido do entrevistado 35'59]. Bom, então essa afirmação da visibilidade de você ter a sede no núcleo histórico, e num tempo recorde nos conseguimos retirar, ali, o que era o laboratório do Rouchtaneo [?? 36'22], fazer uma recuperação rápida, né, quase uma... Não foi um restauro, no sentido, mas recuperou-se o prédio que estava há muitos anos degradado. E a inauguração, por coincidência, ela se deu com a presença do... a passagem, a gente teve, tiveram presente os dois ministros. Que era o Carlos Santana, que foi um ministro fundamental do processo da Reforma Sanitária, e o Roberto Santos, que assumiu no lugar dele. E os dois estavam ali na inauguração da Casa de Oswaldo Cruz. Também outro personagem muito significativo nesse processo, que agregou uma legitimação e um peso grande, e ajudou também a criar processos de distensão, que aí é outro lado importante. O surgimento da Casa ele se dá também com muitas resistências. Mas um personagem muito importante nesse sentido, que estava presente nessa inauguração, foi o Carlos Chagas Filho. E aí o Carlos Chagas Filho representava, primeiro, a tradição maior pela questão das relações com o pai, o Carlos Chagas, a trajetória dele em Manguinhos. E ao mesmo tempo o grande peso e legitimidade que ele tinha pela trajetória dele como cientista, e pela passagem que ele tinha em áreas muito diferenciadas, tanto na construção do Instituto de Biofísica, da Academia Pontifícia de Ciência, na trajetória dele como embaixador do Brasil na Unesco. Então era um personagem central no sentido... E o Carlos Chagas Filho acompanhou esse processo, ele avalizou esse processo, e nesse processos nós nos tornamos muito próximos. O que foi uma amizade, uma experiência muito rica para mim. Então, assim, esse momento dá um forte simbolismo e de apoio. Você imaginar uma coisa que surge, como eu falei, com resistências. A natureza das resistências, no momento inicial, ela tem uma certa configuração que é a disputa por qual é a interlocução, ou que *lócus*, ou que instância institucional representaria a memória da instituição. Então, assim, é a disputa pelo legado da memória da instituição. Então, de um lado, você tinha o Instituto Oswaldo Cruz, que... isso é uma questão recorrente, mas já mais superada, mas que tá na... que é o processo de formação da Fundação Oswaldo Cruz. E aí essa disputa sobre quem tem a legitimidade do legado, das origens. Se o Instituto Oswaldo Cruz ou

a Fundação Oswaldo Cruz. Então quando você estava criando uma unidade para lidar com a memória, e que essa memória o Instituto Oswaldo Cruz via como sua memória, isso já criava uma série de resistências. E nesse sentido o Carlos Chagas Filho desempenhou um papel muito grande. O outro lado de resistência era o lado de resistência como se isso fosse um “desposseimento” e um esvaziamento, ou um não reforço do movimento da Escola Nacional de Saúde Pública pela configuração de uma área de história, se pensava também num campo de filosofia da ciência. Mas basicamente nesse campo de história e sociologia. Como se com isso as pessoas fossem perder a possibilidade de trabalhar nessa área, não serem incentivadas a trabalhar nessa área. É aquela questão de como o processo de criação de unidades ou novos campos na Fiocruz, ou de qualquer instituição, ela gera esse tipo de... Então, no processo inicial, esse foi o tom. E eu dizia que forçosamente teria que ter uma unidade fora de todas as unidades. Porque a única maneira de você conseguir trabalhar as representações, a memória do conjunto da instituição, era você não pertencer a nenhuma unidade. Porque se você pertencesse a qualquer unidade você acabaria tendo um viés de um olhar mais marcado pelas questões inevitáveis da corporação, do olhar pelo foco da disputa... de Bio-Manguinhos, que primeira área aqui foi uma área de soros e vacinas, era o Instituto Soroterápico, a origem de Manguinhos está... O IOC, ou então... Essa disputa, eu dizia tem que estar fora de todos, tem que ser unidade. E o Arouca topou, havia alguma resistência dentro da própria presidência, se deveria ser, era muito cedo para unidade, e bom. Esse é o momento inaugural, e surgiu com muita força. E foi aceita enquanto esse *locus*, a princípio, com um certo nível de localização e restrição de sua ambiência. Então esse é um grupo que vai ajudar a reunir os acervos, a fazer história oral, a ajudar a memória da instituição, eventualmente trabalhar com o Museu que tinha aqui para... museu histórico. Então até aí ainda havia aquela resistência inicial. Essa resistência vai crescer muito, num outro processo, quando a Casa de Oswaldo Cruz começa primeiro a ter uma ampliação em vigor das suas atividades, o que significa ampliação de equipe, ampliação física, e, ao mesmo tempo, especialmente quando a gente resolve criar o Museu da Vida. Porque aí já se expressa uma reação muito intensa, em parte também de alguns grupos mais localizados que trabalhavam com o campo do centro de ciências, educação, divulgação de ciências, que era especialmente no Instituto Oswaldo Cruz. Mas isso foi uma resistência rapidamente superada, naquele primeiro momento, que era ali a Tânia Araújo Jorge, a Solange, que trabalhavam... acho que era do Espaço Ciência Vida, que era um grupo que tinha uma tenda ali na área da Tijuca, e foi também um dos momentos pioneiros para incorporar as visões de interatividade. Tinha um leitor que vinha lá do Museu da Califórnia... E aí quando a gente chegou falando de ciência elas ficaram... aí a gente conversou, enfim. Mas a resistência maior foi ter um impacto de dimensão que a Casa tava assumindo pela internalização da Fiocruz de um Museu de Ciências, com as características... que aí já incorporava as visões de interatividade, de museus já de outras gerações, né. E pela expansão física. Aí houve uma grita, uma reatividade [245'31] muito grande, que associava tudo: associava peso político, associava disputa de recursos, associava disputa de espaços. E foi uma época muito dura. Porque houve reatividade... e já nesse momento também começava a se configurar uma presença política forte da Casa, e eu diria com a minha presença, porque a Casa começou a ter um protagonismo grande sobre a vida institucional mais geral. O fato de eu ter já, no primeiro Congresso Interno, ter sido o coordenador da plenária do Congresso, a minha presença no Conselho Deliberativo. Então, quer dizer, o que era uma unidade que poderia ser vista como, eu diria, um elemento decorativo, um elemento que agrega um certo aspecto, que também está associado à tradição da instituição, num sentido como o pessoal via a importância da história, mas como ilustração, como reforço de uma certa apresentação institucional, ela começa a ter, através do seu diretor, uma presença política muito grande. No

CD, depois nos processos eleitorais, né, porque aí eu acabei sendo coordenador da campanha do Akira, que foi eleito por grande maioria. Então essa presença política, junto com a expansão, com a diversificação de linhas, depois constituição da área de pós-graduação, constituição da publicação, ela começou, opa, isso já não é uma questão circunscrita. É uma unidade que passa a ter uma presença muito forte e também pelo lado dos agentes políticos que estavam ali. A gente consegue, nesse processo, fazer esses enfrentamentos. Eu acho que a gente consegue um sucesso muito grande. A gente, eu diria, em grande medida, no essencial, supera essa ideia do nível de rejeição da Casa, do que ela traz como temário, como campo de atuação da Fiocruz. Eu acho que a Casa tem um efeito muito significativo em reforçar, rever e atualizar vários aspectos das questões ligadas à forma de tratar questões de estética, questões de componentes do campo das ciências humanas, ciências sociais, de formas de expressão na comunicação da Fiocruz com a sociedade, de internalização desses processos dentro da Fiocruz, especialmente pelo canal do Museu da Vida, mas também pelas exposições que nós realizamos. Então, assim, eu acho que a Casa tem um efeito muito relevante que foi depois sendo incorporada e, eu diria, reforçada em todas as unidades da Fiocruz, seja de uma maneira direta, seja de uma maneira associada à Casa. Então, por exemplo, Bio-Manguinhos já fez encomendas, e acordos, e cooperações para desenvolver trabalho da história da febre amarela, da história... Outras instituições sobre a história da sua instituição, a coisa da demanda sobre exposições da Fiocruz que fossem também moduladas para itinerância e incorporação também de exposições das unidades. Temas que, por exemplo, as coleções científicas que a Casa teve um peso muito grande, associando o tema de coleções científicas como também preservação de patrimônio científico... a preservação documental... Enfim, então tudo isso, acho que enraizou e consagrou a Casa como instituição, eu diria, perene. E ela começou a partir daí, também, a constituir não só os reforços externos que ela já vinha trabalhando, mas também com o campo da saúde. Os trabalhos, por exemplo, da Nísia com relação à Organização PanAmericana da Saúde, a relação com a Abrasco, com, então, toda a história da Abrasco, a presença na Abrasco, nos GTs. Então ela foi se configurando e identificando como um campo essencial para a saúde pública e a saúde coletiva. Além das conexões e reconhecimento internacional. Que aí foi, e hoje está presente desde as questões ligadas a movimentos nas Américas [barulho de espirro], como também agora em outras áreas, como a Universidade de York, enfim. Essa é um pouco a dinâmica e a trajetória da maneira como eu percebi. [Entrevistado faz longo comentário dizendo o mesmo é feito “em off” – não transcrito]

**EL:** E deixa eu te perguntar, você falou um pouco dessas resistências externas, né, desse crescimento da Casa. E dentro da Casa, mesmo, você sentia alguma...

**PG:** Ah, sem dúvida. A própria conformação da Casa ela tem um período, óbvio, heroico, com um grupo pequeno de pessoas, com muita agregação, não deixa de ter conflitos, mas um período heroico, que éramos poucos, eram todos muito amigos, estavam criando mundos, digamos assim, e tendo sucesso. Tanto que ali havia muitas manifestações novas, por exemplo, eu lembro um aniversário da Casa era feito ali na Praça Pasteur. Aquilo era uma novidade pra Fiocruz. [55'55??] Quinino, ué, o que tá acontecendo. A maneira de se expressar, a maneira de fazer exposições, fazer filmetes, era uma coisa... era uma linguagem nova, de um grupo novo, e que estava com todo o gás, toda a disposição. Mas óbvio, ali, no próprio momento inicial e depois, você tem áreas de tensões. A primeira era a associação entre um grupo que vinha da saúde pública com um grupo que vinha da formação mais *hard*, né, do IUPERJ, enfim. Porque ali, também, era uma questão de reconhecimento, não só de linguagens, mas também de competências. Havia muitas vezes uma visão de que o pessoal que vinha dessa área com a



formação mais sólida no campo das ciências sociais e história via o pessoal que vinha da saúde pública adentrando o campo da história como um pessoal com menos competência, menos rigor, menos... E portanto... e vice-versa. O pessoal via aqueles que estavam vindo como sem sensibilidade, conhecimento da saúde pública. Então aquilo ali gerou um primeiro momento que você tinha que fazer ligas. Quem era mais competente, quem menos competente, então muitas vezes havia uma certa tendência de uma, como se tivesse, assim, uma... exagerando, alto clero e baixo clero. No sentido da... Um segundo momento de muita tensão foi quando nós resolvemos criar o Museu da Vida. Aí houve muito, entre temor... medo. O mesmo fenômeno que a gente viu da Casa pro conjunto da Fiocruz, se reproduziu no interior da Casa. Ele vai ampliar, vai trazer uma dimensão nova de atuação, e isso exige muito recurso, então nós vamos estar, depois, sem recursos para realizar o que a gente realiza. Exige um número grande de pessoas, então isso pode ter efeito sobre a governança e a representação interna da Casa. É uma área considerada não nobre do ponto de vista acadêmico... naquele momento, né. Hoje já se entende, se reconhece a essencialidade, o rigor, e a necessidade. Mas aí é, de novo, como área de natureza mais operacional, mais da divulgação, mais da... e menos do campo acadêmico, e que vai competir, e que vai, e que a Casa vai subsumir-se num projeto desse porte. Então houve de fato muitas... ou de maneira explícita, em alguns casos, mais muito também implícito, muito temor, o que era aquilo que estava acontecendo. E, num certo sentido, estava acontecendo também durante a minha passagem da direção, onde começou esse processo, e depois eu fiquei coordenando... porque o Museu da Vida começou eu diretor da Casa, o Gilson como executivo e ali, no que seria a estrutura do Museu da Vida, naquele container. Depois quando eu saí da Casa, já tinha muita coisa mais avançada, porque tinha ganho... Já tinham ganho o edital da SPEC, né, da CAPES SPEC[? 1'00,18]. Já tinham feito coisas. E eu fui para a coordenação do Museu, que tornou-se, já era, um Departamento. Porque havia o Departamento Museu mas no sentido museu histórico. E a Casa se configurou nesse sentido: Pesquisa, Arquivo, Patrimônio e Museu. Então aquilo ali você tinha a velocidade com que o Museu se implantou, a dimensão que ele assumiu, que provocou as reações externas também na Fiocruz, e internamente esse temor, de que o campo mais *hard* da pesquisa passaria a perder. E aí é outro processo de integração que inclusive da integração dos temas da pesquisa dialogando com a mediação e a especificidade do campo do museu, da educação em ciência, popularização, percepção pública de ciência, o quanto que... Então isso é inédito [?? 1'01,29]. E também aí a instituição vai crescendo, e esse período mais, eu diria, heroico ele vai se complexificando, e há tensões nas resoluções também do processo sucessório. Porque quando eu saí da direção havia alternativa de candidaturas da Nara e Nísia. E eu fiz a opção pela Nísia. Porque achava que a Nísia tinha uma densidade mais consolidada no campo acadêmico, essa característica. E a Nara também era muito próxima minha, mas aí já houve ali... Aí não acompanhei tão de perto, mas já houve tensões sucessórias que foram superadas. Mais adiante veio a Nara, que também já tem uma... Na sucessão da Nara, já tem um pouco um ensaio da disputa, porque você teve o caso lá do... aí o Museu também já se colocava muitas vezes como a instância que pesava numa possível distensão. Em algum momento houve alguns ensaios da equipe do Museu de quase configurar um campo de oposição. Aí veio depois o Luiz Antônio, que ensaiou uma possibilidade de se candidatar. Mas eu acho que, no geral, a Casa conseguiu lidar com essas questões, com essa diversidade interna, e produzir efeitos... E hoje você vê o campo, por exemplo, da documentação e arquivo, um nível de reconhecimento e institucionalidade muito forte. Hoje, por exemplo, a construção do Centro de Pesquisa e Documentação da História ele já revela ali, quer dizer, a forma da interação e do peso institucional, de espaço, das duas áreas. Na modernização do que já estava se dando lá, na questão dos acervos, “*nanana nanana*”, na própria incorporação

de novos acervos. E agora com um *locus* predial que faz essa ordenação. E a área do Patrimônio que também conseguiu se configurar e se deslançar e sair de uma visão que poderia estar presente no início, que não era a nossa intenção em nenhum momento, mas que fosse um lado mais auxiliar e operativo para manter o patrimônio Fiocruz, arquitetônico. Desde o início a gente conseguiu, também nessa área, incorporar pessoas que tinham um componente de pesquisa, de formação, muito sólido, como é o caso do Benedito, que tinha formação na Itália, a gente conseguiu atrair, e eu tinha sempre essa preocupação de mostrar que qualquer atividade da Casa, como eu acho também que qualquer atividade da Fiocruz, ela tem que ser um processo também objeto também de investigação, de produção de conhecimento, e de construção de excelência da prática e da reflexão teórica. Porque se não não tem sentido estar no nicho Fiocruz. Eu acho que na Casa a gente buscou isso. O pessoal da área de Patrimônio começou a produzir teses, começou a produzir referências de... Ao mesmo tempo ampliando para áreas de cooperação com outras instituições, tanto nacional como internacional, ampliando a concepção de patrimônio também pros campos imateriais. Então eles conseguiram fazer essa relação entre prática, reflexão, produção do conhecimento e excelência, que já é reconhecida. A área de Documentação fez a mesma coisa. A área de Pesquisa fez isso. A área de Museus também, durante o processo de constituição e consolidação do Museu eu era da Associação Mundial de Museus e Centros de Ciências. E trouxemos pra cá o Congresso Mundial de Museus e Centro de Ciências. Então, e aí também a reflexão, a produção teórica. Então acho que é esse o sentido da Casa, tanto como expressão de um campo, que eu acho fundamental, porque tem repercussões grandes também além da produção de conhecimento, "*nananana*", tem sobre a coesão institucional, sobre o planejamento estratégico, o reconhecimento de tendências, tradições e possibilidades que estão inseridas na cultura institucional e na história institucional, e passou a ter uma relevância muito grande para a saúde coletiva como um todo. E conseguiu traduzir o campo, essas dimensões todas que eu coloquei, em todas as suas áreas de atuação. A pós-graduação, e vai por aí. Ou seja, é um caso de sucesso, né. Não quer dizer que não tenha desafios e que as coisas não estejam constantemente necessitando serem recriadas. O caso do Museu é típico. Se o Museu não se recriar, no sentido constante, de perceber o sentido da sua missão, interação tanto com campos específicos da tecnologia de mediação, como também na incorporação de temas, de formas de interação com a população, se o Museu não se recriar ele perde consistência e vira, como tantos outros Museus, peça de Museu. A área da Pesquisa também, se ela não acompanha na ponta, e se ela não constantemente mostra a sua pertinência para o nicho que ela está inserida, também ela poderia continuar sendo reconhecida, mas como um núcleo de pesquisadores, uma espécie de bolha, no interior de uma instituição. E a mesma coisa na área do Patrimônio.

**EL:** E deixa eu te perguntar, em relação à memória dessa história da Casa mesmo, da sua trajetória, do aprendizado com essas questões, existia alguma preocupação do registro da própria trajetória da Casa?

**PG:** Existia, desde o início, e aí tem coisas que aconteceram, outras que... Porque quando a gente estava construindo a Casa, a gente também se valeu de mostrar como os pioneiros da construção de Manguinhos se preocuparam com a construção da memória. Isso é uma coisa que a gente trabalhava muito. O Oswaldo Cruz teve uma preocupação imensa em registrar em fotografias, né, em fazer publicações e exposições, como o caso de Dresden, Berlim, com esmero, com... De associar, de manter coleções que eram de natureza científica, mas que eram também importantes ?? [1'10,18], fazer um museu, que era o Museu da Patologia, no terceiro andar. Então, assim, para nos era muito claro que eles tinham a percepção de que a

consolidação da instituição ela demandava uma forma de visibilização que, para além do que é fundamental, que é o reconhecimento dos pares científicos, que é a publicação, que é, né, os congressos, mas que ela tinha um caráter também de criar uma impressão junto a sociedade. Seja ela internacional, seja nacional. E o Castelo é o exemplo maior disso também. Essa produção de marcos arquitetônicos, simbólicos, de imagens, de... ela estava presente desde o início. E a gente valorizou muito isso. E mostramos também uma certa arqueologia do Museu da Fiocruz, então quando a Casa foi constituída, o processo de memória do Hésio, a gente tinha clareza que ela deveria estar constituindo também os materiais da sua própria história. Então registros fotográficos, questões de natureza documental, questões de celebração de marcos. Tantos anos da Casa de Oswaldo Cruz. Quer dizer, tudo isso ela foi pensada... Não conheço um trabalho de natureza mais acadêmico sobre essa trajetória. Se existe eu não acompanhei mais depois. Algumas questões dos registros, aí eu estou falando tanto geral da Fiocruz como da Casa, eles poderiam ter sido mais bem aproveitados. Um dos exemplos claros é o campo da fotografia. Sempre me chamou atenção, e tentamos construir, “*papapa papapá*”... E hoje, até, o campo digital é uma coisa muito... Mas assim, havia muito registro fotográfico, sempre, da Fiocruz, que era realizado por várias áreas, especialmente pela Comunicação Social, e não havia interação clara nos sistemas de preservação, indexação, recuperação desse acervo fotográfico que se estava construindo. Eu acho que muita coisa se perdeu, nessa capacidade da geração do acervo futuro. Eu me vejo muitas vezes aqui, perguntando onde é que está a foto de alguma coisa que eu vivi, que sei que aconteceu, e ah, não encontra, ninguém sabe, não consegue. Não tá na Casa, não tá na CCS, e várias vezes. Então, na história da Casa, eu não sei se isso foi acompanhado. Como é que tá o fundo Casa de Oswaldo Cruz. Não sei se existe uma área que tenha sequencialmente mostrado do ponto de vista da documentação, do ponto de vista da... recuperação de qualquer tipo, papel, fotografia, oral, ou que tenha essa preocupação de registrar o... Uma área que a Casa não fez, e eu também sempre achei que era uma lacuna, tentei incentivar, “*nanana nananá*”, mas nunca... foi a memória do movimento social em saúde. Aí eu não tô falando da história da Casa. Mas, assim, o movimento social em saúde foi muito forte. Deu no que deu que é o SUS. Então você tinha o movimento de bairros, comitês populares de saúde, associações, como a associação de médicos e residentes, a Abrasco, o Cebes, o movimento pela reforma psiquiátrica brasileira, os sindicatos, o movimento de renovação médica. E essa documentação que, e os personagens que viveram isso, eu sempre achei que era uma das tarefas que a Casa poderia ter feito. Porque é aí também que ela se enraíza com relação a sua história. E isso não se produziu. E houve muita perda de material, porque muitos desses materiais eram colecionados e retidos por pessoas. Esses movimentos eram movimentos, do ponto de vista da sua ?? titularidade[1’15,50], efêmeros. O movimento de salvo [1’15,55??] popular, o movimento... tem o movimento psiquiátrico. Aí você, quer dizer, pessoas que tiveram... Paulo Amarante foi um que recolheu muita coisa. O pessoal lá do Cebes, há pouco tivemos publicações sobre essa história, no caso do Cebes e Abrasco. Mas eu acho que essa é uma lacuna que, quando me encontro com pessoas que foram atores desse processo, eles falam e dizem “é preciso fazer, é preciso fazer”, e nunca é feito. Acho que isso é uma lacuna ainda, eu diria, tem uma certa... meio imperdoável, uma certa culpa minha de não ter conseguido estruturar isso. E aí eu acho também que as pessoas não se dedicaram muito com essa área. Aí tem um lado também de como os objetos de pesquisa, a trajetória das pessoas, também influencia, obviamente, as suas escolhas. Como eu fui um ator que me envolvi muito durante o período formador da minha vida no movimento médico, sindical, para mim isso é muito caro. Mas não era a trajetória das pessoas da Casa. Elas já vinham de outra geração, de outros

movimentos, de outras inserções, não vivenciaram... a grande maioria, quase a totalidade, poucos vivenciaram esse processo. E isso pra mim é uma lacuna.

**EL:** E em relação à memória mais da Casa mesmo, você teria alguma sugestão do que você acha que poderia ser registrado em termos dessa trajetória? Você falou de vários marcos aqui, mas mais algum que você queira...

**PG:** Eu acho, assim, o que você está fazendo já é fundamental, ter uma abordagem profissionalizada, acadêmica, reflexiva, e que ao mesmo tempo agrega informação e registro. Que é um pouco, muitas vezes, o que a gente fez para várias áreas da Casa. Os projetos de história oral, havia um debate muito grande, eles eram pensados ao mesmo tempo como história de vida, mas ao mesmo tempo associados a recortes temáticos. E muitos projetos de documentação e história oral serviram como base para, não só acervo, mas para projetos de pesquisa, de reflexão e de produção acadêmica nessa área. Eu acho que a trajetória da Casa, e pensando essa trajetória inserida num contexto mais amplo da história política e social brasileira, nos campos de memória do país, e da trajetória institucional Fiocruz, eu acho que ela é muito rica. Porque, de novo, é um caso exemplar, muito bem sucedido, que inaugura uma coisa que todos aqueles que refletem isso de fora do campo sabem do ineditismo disso. Hoje, quando, por exemplo, o pessoal de York busca, e a Casa sempre também um polo para a questão da história global da saúde, da saúde global, é um pouco esse reconhecimento, e a inserção na Fiocruz é fundamental. Então eu acho que conseguir, primeiro, ampliar mais esses registros, mas, ao mesmo tempo, associar à definição de determinados problemas, determinadas questões, que sejam da natureza rica, em termo de questão, e que seja mais ampla, do que a própria trajetória da Casa, eu acho que é um caminho. Primeiro de ?? [1'10'25] essa trajetória, de novo, reforçar o próprio lugar da Casa, criar pertinência, coesão para os que chegam novos nesse processo, e inserir com mais pertinência a Casa em processos mais amplos. Por exemplo, isso que eu comentei, deve certamente ter muito trabalho de outras instituições, de como é que se deu a constituição e institucionalização do esforço e recuperação de memória de um país. Eu não acompanhei mais isso, não sei o que tem de trabalho acadêmico e de registro sobre isso. Por exemplo, o que eu vive no PRODOCUMENTO é um debate ?? [1'21'15], do que era, institucionalizar ou não institucionalizar formas de arquivos de áreas da sociedade civil, e qual é o papel do Estado, fazer isso, ou não fazer. Há todo um debate, não só de concepções de memória, de instrumental institucional, e mesmo de disputa de mandatos. Eu acho que a história da Casa deveria ser inserida nesse conjunto de uma série de outras histórias, aonde ela é o produto um pouco da, ela é quase um nó, quase uma... uma materialização de muitas influências, e ao mesmo tempo é um no que virou um ator importante. Eu acho que ela deveria refletir isso com essa abrangência maior. O que diferenciava, por exemplo, a abordagem da história tradicional da saúde pública com a chegada da Casa. Qual é a diferença, como se diferencia isso? Por que que determinados campos da própria questão da Ciência e Tecnologia, aí não tô falando da Casa, em paralelo, chegam tardiamente no SUS como tema, nos Congressos, lá, nas Conferências Nacionais, e vai por aí. Aí ela já tá me dizendo que o tempo acabou [entra uma pessoa na sala com um bilhete nesse momento].

**EL:** Posso só pedir para você deixar uma mensagem pros novos profissionais da Casa, que você deixaria das suas lições aprendidas nesse período que você esteve na Casa?

**PG:** Eu acho que vale muito a pena e, tudo que eu gostaria, é que os novos pudessem chegar com um nível de inquietude, um nível de busca de criação de... produção do novo, ao mesmo tempo olhando com muito carinho e muito cuidado para o legado dessa instituição Fiocruz e o

legado da Casa de Oswaldo Cruz no seus fundadores. Não porque seja uma questão de buscar uma mitificação dos pais fundadores, mas porque, na minha cabeça, não pode se pensar projetos de futuro estratégico se você não tiver uma capacidade crítica de olhar de uma maneira também cuidadosa, também carinhosa, também... com a trajetória e o processo do legado que se constituiu. Falei pra burro!

**EL:** Tá ótimo. Perfeito. Deixa só eu registrar aqui na gravação que hoje é dia 22 de janeiro [de 2016], eu sou a Érica Loureiro, estou aqui com o Paulo Gadelha no Castelo da Fiocruz, aqui que a gente realizou essa reunião.

Fim da gravação